

PODODERMATITE EM BOVINOS

Maria Giovana Matavelli¹, Bárbara Xavier Carvalho de Souza¹, Pedro Henrique da Cunha Miranda¹,
Maria Eugênia Moraes Araújo², Melina Marie Yasuoka².

RESUMO

Introdução: Pododermatite é uma doença infecciosa caracterizada pela inflamação da região interdigital, na junção da pele com o casco, causando claudicação e lesões de aspecto necrótico purulento, podendo evoluir a comprometimento articular. Também conhecida como flegmão, *foot hot*, ou “frieira”, é causada por bactérias como *Fusobacterium necrophorum* e *Dichelobacter nodosus*, que penetram em uma lesão inicial ou micro lesão¹⁻⁴. Ambas bactérias são anaeróbias e classificadas como bacilos gram negativos, sendo a *Fusobacterium necrophorum* habitante do trato digestivo dos ruminantes, sobrevivendo no solo por até dez meses². Essa bacteriose gera graves prejuízos na produtividade e economia da propriedade, levando a redução da vida útil, diminuição da produção leiteira, queda na fertilidade e gastos com tratamento, sendo a terceira doença de maior descarte nas propriedades, ficando atrás apenas de problemas de reprodução e mastite³. A afecção possui etiologia multifatorial, relacionada a: instalações inadequadas, erros de manejo, raça dos animais, desafios nutricionais e, principalmente, negligência nas medidas de biossegurança⁴. Assim, faz-se necessária a revisão literária a fim de promover estratégias de melhorias nas propriedades produtoras, em relação à infraestrutura e manejo, com o objetivo de reduzir os prejuízos econômicos, de tratamento, resistência microbiológica e descarte, e que sirvam como métodos de profilaxia das pododermatites. **Desenvolvimento:** A afecção podal *foot hot* é mediada principalmente por duas bactérias, a *Dichelobacter nodosus* e *Fusobacterium necrophorum*, elas se encontram no solo e fezes dos animais e assim colonizam a região a partir de uma lesão ou microlesão pré-existente. Elas atuam em sinergismo, o *F. necrophorum* facilita a invasão tecidual pela *D. nodosus*, que a seguir elabora um fator de crescimento que a estimula⁵. A recorrência dessa bacteriose se dá pelo trânsito ou permanência constante dos animais sobre pisos muito duros, erosivos, com muitas pedras e objetos perfuro-cortantes. Esses fatores, junto ao contato com barro, umidade e fezes, induzem a lesões no casco ou pele, e servem de porta de entrada para os patógenos. Em relação a evolução da doença, existem três estágios: o agudo nos primeiros 10 dias, o subagudo de 10 a 45 dias e o crônico acima de 45 dias⁶. A fase inicial da doença, é caracterizada por tumefação na pele do espaço interdigital, claudicação, aumento de volume da extremidade do membro e, em alguns casos, fistulação com exsudação de líquido sanguinolento de odor desagradável, sem lesões macroscopicamente visíveis no estojo córneo, perioplo, sola e talão, apresentando edema⁷. Para avaliação dos casos utiliza-se o escore de locomoção/claudicação, analisando os animais em estação e caminhando, propondo notas de 1 a 5. Escore 1- perfeita locomoção e posição em estação, 2- arqueamento do dorso na locomoção, 3- arqueamento em locomoção e estação, 4- na locomoção o animal reluta a apoiar os membros, encurtando o passo do casco acometido e escore 5- evita-se o toque no solo, perda de função do membro⁸. Segundo Leão⁹, no tratamento administra-se antibióticos parenterais apenas para diminuição da gravidade do quadro clínico. Para a cura das lesões, realiza-se associação com o uso tópico de antisséptico. A utilização deste protocolo de tratamento associado à bandagem com atadura de algodão e crepe com trocas de curativos com intervalo de 3 a 7 dias. Ferreira¹⁰ atingiu um tempo médio de recuperação dos animais de 27 dias. Como prevenção as instalações da propriedade devem ter piso e áreas adequadas permitindo que os animais se exercitem sobre superfície firme, livre do material abrasivo e cortante, o aterro de trechos barrentos e pedregosos em currais reduzem a incidência da enfermidade¹¹. O uso de pedilúvio com solução de sulfato de cobre 10% e formaldeído de 5 a 10%, duas vezes ao dia (na entrada ou saída da sala de ordenha) diminui consideravelmente o aparecimento de pododermatites¹². Outra forma de prevenção é a homeopatia que evita as inflamações e ulcerações que envolvem o casco e tecidos moles, onde sua administração é oral, junto de alimentos concentrados ou sal mineral. **Considerações finais:** A pododermatite merece atenção especial dentro dos rebanhos leiteiros pelo seu impacto na saúde produtiva e reprodutiva dos animais. Além da queda dos parâmetros de bem-estar, ocorre diminuição da produção leiteira, o que gera grande prejuízos econômicos ao

produtor. Na melhor das hipóteses tem-se apenas a diminuição do volume de leite, em casos mais severos da doença, é preconizado o descarte do animal, tanto para evitar prejuízos futuros como também o sofrimento do animal. É importante salientar que o descarte dos doentes não elimina o problema da propriedade, visto que é uma patologia multifatorial, e que as bactérias relacionadas se encontram no solo e nas fezes dos próprios indivíduos. O principal agravante é o manejo incorreto dos animais, sobre pisos impróprios e irregulares, e a negligência em relação aos doentes e seu tratamento. Sendo assim, é essencial modificar o ambiente em que esses animais transitam, garantindo seu bem-estar e acompanhar e tratar os casos já existentes para evitar maiores perdas.

PALAVRAS-CHAVE: Bactéria; Pododermatite; Bovinocultura.

1 Aluno do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Univeritas UNG.

2 Veterinário Professor da Universidade Univeritas UNG (Orientador). mariagmatavelli@gmail.com